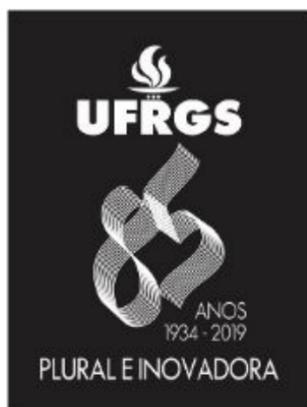


# Percurso do Tempo

DANÇA UFRGS . 10 ANOS



Percurso

do Tempo

DANÇA UFRGS . 10 ANOS

Porto Alegre - RS  
2020

Carla Vendramin

---

# Memórias de um corpo político em resiliência

## RESUMO

O artigo retrata momentos da trajetória do curso de dança e momentos da trajetória da autora como docente. As memórias são divididas em quatro tópicos: identidade, corpo, performance e mercado. Essa seleção de registros tem a intenção de instigar questionamentos sobre como o corpo é político, sobre como a dança é política, sobre como seguimos em presença e resiliência como artistas da dança e sobre o papel de artista-docente-pesquisador(a). Os registros testemunham processos artísticos e deixam possibilidades de indagar e debater sobre questões relacionadas a eles e ao momento atual em que vivemos, enquanto celebramos 10 anos do Curso de Licenciatura em Dança ESEFID/UFRGS.

**Palavras-chave:** Corpo. Dança. Performance. Política. Identidade.

## ABSTRACT

The article portrays moments of the dance course's trajectory and moments of the author's trajectory as a teacher. Memories are divided into four topics: identity, body, performance and market. This selection of records intends to instigate questions about how the body is political; how dance is political; how we continue in presence and resilience as dance artists; and about the role of artist-teacher-researcher. The records testify artistic processes and leave possibilities for inquiring and debating on issues related to them and the current moment we are living while we celebrate 10 years of the ESEFID/UFRGS Dance Degree Course.

**Keywords:** Body. Dance. Performance. Politics. Identity.

Escrever para a publicação celebrativa dos 10 anos do Curso de Licenciatura em Dança ESEFID/UFRGS me faz revisitar uma série de memórias, que pulam de imagens em imagens, desde o momento em que ingressei como docente. Entro em um devaneio nostálgico e me lembro de tantos momentos significativos e de tantas conquistas alcançadas em uma constante construção do curso. Entre tantos momentos relevantes que testemunhei durante minha trajetória na ESEFID até hoje, selecionei alguns registros, que irei apresentar neste texto dispostos em quatro itens: identidade, corpo, performance e mercado. Assim, guardo e compartilho algumas lembranças com o intuito de que elas deixem suas marcas para continuamente questionarem sobre como o corpo é político, sobre como a dança é política, sobre como seguimos em presença e resiliência como artistas da dança e sobre que política acerca de identidade é assumida no papel de artista-docente-pesquisador(a).

## IDENTIDADE

Comecei a fazer parte da equipe de professores do Curso de Licenciatura em Dança ESEFID/UFRGS no dia 28 de fevereiro de 2014. Em maio do mesmo ano, foi realizado na Universidade Federal de Uberlândia o encontro *O artista docente no ensino superior: discursos e práticas*, proposto pela professora Ana Carolina Mundim e composto por convidados da UNICAMP, do Instituto Federal de Brasília, da Universidade Federal de Uberlândia e da Universidade Federal de Goiás. O encontro organizou uma imersão em aulas, discussões e criações em grupo para experimentar, analisar e questionar o lugar do artista-docente no ensino superior e a práxis do campo, através da troca de experiências didático-pedagógicas e artísticas. Ferreira e Figueiredo (2014, p. 8) identificam que muitos dos docentes que entraram nas instituições de ensino superior nos primeiros concursos fazem parte de um grupo “formado por aqueles que são artistas da cena e agora ocupam o lugar também de professores universitários, após se qualificarem em mestrados e doutorados da área”. Mundim (2013) e Ferreira e Figueiredo (2014) discutem o tensionamento do paradoxo da cultura universitária e a prática artística imbricada com a prática educacional, a pesquisa e o conhecimento corporificado.

Faço parte das primeiras gerações de professores universitários que prestaram concurso na área da dança. A dança na universidade e o entendimento sobre ela é uma conquista que vem sendo feita persistentemente com nosso trabalho, assim como fora do meio acadêmico, com a busca por ampliação de campo, valorização social e organização de classe. Tomo o lugar de artista-docente como um posicionamento político, enfatizando uma valorização do campo que constitui o fazer artístico. Geraldi (2016) aponta a necessidade de associar o conhecimento acadêmico e o artístico, indagando sobre seus potenciais de articulação e convivência. Nesse sentido, a *Prática como Pesquisa* propõe um afinamento entre os universos acadêmico e artístico, guiando processos de pesquisa condizentes ao meio das artes cênicas dentro das universidades (HASEMAN, 2006; HAZEL e ROGER, 2009; NELSON, 2013; FERNANDES, 2013; 2014a; 2018; MIDGELOW, 2019).

A dança como uma prática de corporalização é enfocada por diversos autores (GIL, 2001; PRESTON-DUNLOP e SANCHES-COLBERG, 2002; GREEN, 2002; QUEIROZ, 2009) e se retrata na cultura de convivência e na identidade de artistas da dança. O fazer artístico implica uma determinada cultura, que fundamenta necessidades da prática que podem ser elucidadas em fatores cotidianos, como o porquê de precisarmos de salas espaçosas com chão flutuante e pé direito alto, o porquê de fazermos barulho, o porquê de termos disponibilidade corporal para fazer aulas na grama, o porquê de nos vestirmos de determinada maneira, o porquê de os alunos dançarem na frente do Diretório Acadêmico de Dança (CADAN). Identidade se relaciona a uma necessidade política de tornar o espaço na ESEFID também da dança. O Campus Olímpico da UFRGS mudou a sigla ESEF, Escola de Educação Física, para ESEFID, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, após uma série de seminários internos que aconteceram entre 2014 e 2016, quando se discutiu a criação do novo regimento interno e o novo nome da unidade, uma vez que os cursos de dança e fisioterapia passaram a integrá-la através do Programa REUNI em 2008. A forma como enfatizamos e corrigimos dizendo "não é ESEF, e sim ESEFID" reflete a necessidade política de apropriação do espaço e da identidade da dança nele. Uma lembrança que faz parte de uma "sensação de identidade", do fazer artístico e de espaço de (a)propriação na ESEFID foi a apresentação do *Trajeto Docente*.

No segundo semestre de 2014, a turma da disciplina de *Produção Cênica*, coordenada pelo professor Jair Umman, propôs a criação de apresentações artísticas dos professores no campus, que teve o título de *Trajeto Docente*. O trajeto iniciava com a apresentação da professora Flávia Pilla do Vale na Sala Morgada Cunha\*, a sala da dança que foi inaugurada com esse nome em 2015, com a presença da própria professora Morgada. Foram apresentados, na sala, vídeos de dança das professoras Lizete Vargas e Maria Luisa Oliveira da Cunha. Em seguida, fomos para a frente do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX), onde a professora Mônica Dantas fez uma performance na janela da parede esquerda do prédio, usando a arquitetura do local e homenageando a coreógrafa Martha Graham. Depois, a professora Izabela Lucchese Gavioli fez uma performance aérea em tecido, o qual foi pendurado na grade do segundo andar do prédio que fica em frente ao ginásio. Seguimos para o estacionamento, onde a professora Aline Nogueira Haas dançou ao lado da lanchonete, e, então, entramos na pista de corrida e atletismo. Em meio às pessoas que caminhavam e corriam e às aulas que ali aconteciam, a professora Luciana Paludo fez uma performance, dançando por uma parte da trajetória da pista, que foi seguida pelo público. Após esse momento, o público aguardou na parte de fora da pista de corrida, e eu e a professora Rubiane Zancan dançamos uma trajetória de encontro com o ele, começando à distância e do lado oposto, onde existia uma linha de árvores pequenas (onde, hoje, existe o plantio em processo de uma pequena agrofloresta). O professor Jair Umman se apresentou em seguida, e o percurso foi finalizado com todos os professores na árvore do labirinto do jardim em frente ao Centro Natatório. A apresentação foi registrada pela aluna do curso de dança Juliana Lorenzoni\*\*.

\*Registro disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/114493>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

\*\*Imagens disponíveis em: <[https://www.facebook.com/julorenzoni/media\\_set?set=a.10152931281478979&type=3](https://www.facebook.com/julorenzoni/media_set?set=a.10152931281478979&type=3)>. Acesso em: 30 jul. 2019.

## Corpo

Neste tópico trago dois projetos de extensão que registram políticas do corpo mobilizadas através da criação de poéticas da improvisação em dança. Um deles trata de uma ação que ocorreu uma única vez; o outro, de um projeto com uma trajetória contínua e extensa dentro da ESEFID e da UFRGS.

O *Sexta à Parte* foi um projeto que, efetivamente, propôs o envolvimento entre os três cursos (educação física, fisioterapia e dança) em uma ação de extensão. O projeto foi proposto pelo professor da educação física Luiz Fernando Silva Bilibio, com o objetivo de abrir um espaço de conversa sobre questões contemporâneas, quebrando hábitos e acomodações e trazendo assuntos polêmicos. Participaram desse projeto os professores da fisioterapia Adriane Vieira, Angela Peña Ghisleni, Luciana Paiva e Luis Fernando Alvarenga; os professores da educação física Alex Fraga e José Geraldo Soares Damico; e, por parte do curso de dança, o projeto contou com a minha participação e a do professor Jair Ullmann. O projeto pretendia que os professores fossem curadores e propositores da organização dos encontros e trouxessem um convidado de fora para contribuir com as discussões. Foram previstos quatro encontros e realizados três, que aconteceram sempre em sextas-feiras. O grupo de professores se encontrou algumas vezes antes das edições, em uma atmosfera de alegria e desejo em estar junto, de efervescência com a empolgação de cada um dos temas propostos. A primeira edição, *1315 Tons de Política*, ocorrida em 27 de março de 2015, teve curadoria de Bilibio e Fernando Alvarenga e participação do professor convidado Marcelo Kunrath Silva (Sociologia/UFRGS). O tema envolvia a reflexão sobre questionamentos políticos da atualidade. A segunda edição, *Alteridade, Subjetividade e o Exercício da Liberdade*, ocorrida em 24 de abril de 2015, teve minha curadoria e do professor José Damico e participação da professora convidada Simoni Maineri Paulon (Psicologia/UFRGS) e do artista convidado Bruno Gularte. A terceira edição, *O Tempo no Corpo*, ocorrida em 26 de junho de 2015, teve curadoria de Angela Ghisleni, Alex Fraga e Luciana Paiva. Essa edição discutiu o envelhecimento, e contou com a participação da convidada Luciana Masiero e com uma apresentação da dançarina Thais Freitas.

Na edição que coordenei, foi realizada uma performance com a obra *Desorganismos\**, de Bruno Gularte, que trazia tecidos e máscaras com imagens desconstruídas de partes do corpo. A performance foi criada com a participação de artistas convidados de fora da ESEFID (Augusto Angeli, Junior Alceu Grandi, Laura Backes, Mailson Fantinel e Mariana Bandarra) e de alunos que faziam graduação em dança (Gabriela Guaragna, Maíra Mahyra e Régis Antônio Coimbra). A proposta da performance era de que ela fosse apresentada com o corpo nu, o que mobilizou um debate que iniciou antes da apresentação e que discutiu justamente sobre o tema daquela edição: alteridades, subjetividade e o exercício da liberdade. A performance foi construída com a criação de dispositivos de improvisação em dança, de forma semelhante à prática que fui desenvolvendo com o grupo *Diversos Corpos Dançantes (DCD)*, ou seja, percebendo e manuseando as dinâmicas que surgem a partir do que eu chamo de *relações corpo-outro-espaco*. *Desorganismos* trouxe um tensionamento entre a visibilidade artística-poética e as políticas de adequação e controle a respeito do corpo nu, representações do corpo na dança e na sociedade.

No espetáculo *Aquilo De Que Somos Feitos* (2000), a coreógrafa Lia Rodrigues desvela, revela o corpo e o põe à vista, dando a conhecer o corpo por ele mesmo\*\*. O espetáculo *La Bête* (2017), de Wagner Scharz, acionou um debate que foi viralizado pelas redes sociais a cerca do corpo nu em cena, da responsabilidade do artista e do público\*\*\*. Fazendo algumas pontes no tempo, deixo o questionamento sobre quais são as diferenças de contexto e significado em apresentar trabalhos artísticos com o corpo nu em 2000 (*Aquilo De Que Somos Feitos*), em 2015 (*Desorganismos*), em 2017 (*La Bête*) e hoje, em 2019. Frente aos riscos e às ameaças que as universidades federais vem sofrendo, e que ganharam maior intensidade recentemente, eu não proporia realizar a apresentação de uma performance como *Desorganismos* hoje. Com isso, podemos refletir sobre o mecanismo de produção de censura hoje, por meio de redes sociais, por meio de legitimação da representatividade governamental brasileira e de instâncias governamentais, por meio do imaginário do público e por meio da constrição dos próprios artistas. Fazendo outras pontes no tempo, faço o mesmo questionamento sobre como seria apresentar *Desorganismos* na ESEFID daqui a 10 anos e, ainda, como estará o Curso de Licenciatura em Dança em 2029, completando 20 anos.

\*Obra que esteve em exposição na Galeria Xico Stockinger na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre, de 27 de março a 24 de maio de 2015.

\*\*Disponível em: <<http://www.liarodrigues.com/page2/page3/page31/page31.html>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

\*\*\*Disponível em: <<https://www.wagnerschwartz.com/dominio-publico>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

Os desdobramentos artístico-estéticos e pedagógicos presentes na relação com o corpo (d)eficiente na dança trazem outros tensionamentos políticos e sociais. O corpo (d)eficiente na dança não fala unicamente da pessoa com deficiência, mas também é um sinalizador de discursos que refletem questões sociais atreladas a ele, que abrangem a e é de responsabilidade de todos. Os cinco anos de atividade do projeto *Diversos Corpos Dançantes (DCD)*, de 2014 a 2018, associado ao projeto de pesquisa *A Dança com Pessoas com Deficiência e Grupos de Habilidades Mistas*, proporcionaram inúmeras experiências artísticas e pedagógicas dentro e fora da comunidade da ESEFID e da UFRGS (VENDRAMIN, 2019). Em minhas lembranças, guardo a trajetória do projeto *DCD* e a alegria imensa de testemunhar um crescimento comunitário que se reflete diretamente na comunidade externa à universidade e que deflagra a relevância da extensão universitária. A política do corpo no grupo *Diversos Corpos Dançantes* é acionada nas relações sensíveis e interpessoais das improvisações em dança, na forma como as performances de palco e de rua trazem visibilidade e questionamento sobre a (d)eficiência na dança e na sociedade, nos discursos que são elaborados cuidadosamente, na composição dos princípios norteadores do grupo, no compartilhamento de vida e na abrangência dos muitos parceiros que são envolvidos no projeto, gerando ainda mais compartilhamento e conhecimento. O *DCD* é um projeto de todos que dele se nutrem, principalmente dos participantes que vêm colaborando para sua construção coletiva e dos alunos que investem sua dedicação no grupo, atualmente sob a coordenação do professor Márcio Pizarro Noronha.

# Performance

Glusberg (2013) identifica que a política se faz aparecer em todas as esferas da comunidade, o que inclui a atividade artística. A performance está imbricada na vida social de forma muito estreita por ser esta a sua fonte temática principal. Assim, com frequência, o trabalho do performer se centra em questões e contradições sociais, atuando a partir de um microclima inconsciente sobre as convenções e os rituais presentes nela. A performance, no seu aspecto frequentemente transgressor, funciona como um ativador dos sentidos, que muitas vezes remete a uma crítica a situações de vida e a rupturas de padrões tradicionais do viver ou implicam denúncias. A pulsão arte e vida está inerente aos processos de construção performática. As memórias que registro a seguir são de performances realizadas em disciplinas que ministrei, que trazem algum aspecto político, de denúncia social, ou que expressam micropolíticas individuais.

No primeiro semestre de 2016, os alunos da disciplina de *Tópicos V*, ministrada por mim e pela professora do Departamento de Artes Dramáticas (DAD) da UFRGS, Camila Bauer, produziram uma performance que foi apresentada no Restaurante Universitário (RU) do Campus Centro. Os estudantes criaram uma estrutura que era feita por quartetos de alunos, que atuavam todos ao mesmo tempo, espalhados pelas mesas do RU. Cada um dos alunos do quarteto tinha um papel diferente: um aluno se sentava à mesa para comer e agia como um robô, apenas conforme mandado; dois alunos se colocavam atrás dele e comandavam o aluno que comia (e este podia comer apenas o que era mandado e da forma como era mandado); o quarto aluno comandava os dois outros alunos que manipulavam o primeiro e também filmava as ações de todos, sendo dele o controle da mídia.

Além do estranhamento causado no RU, o efeito dessa experiência gerou uma importante reflexão sobre o tema central da performance, o poder de manipulação e da mídia, e também a relação de subjugação oprimido-opressor. Os alunos que manipulavam aquele que se sentava à mesa, o faziam com violência na intensidade de voz, postura e gestos. Alguns alunos comentaram que experimentaram um estado em que ele poderia perder a noção de humanidade da relação com o colega que estava sentado, correndo o risco de cair em um anestesiamento e, depois, em um prazer da violência e, na continuidade, perder o controle. Através dessa performance, os alunos conceberam um trabalho abordando o tema corrente na atualidade sobre a repercussão midiática, a pouca gerência dos indivíduos sobre seus atos e o pouco entendimento do mecanismo de manipulação em que estão imersos, assim como sobre a quebra de valores sobre o significado dos direitos humanos e a banalização da violência.

As disciplinas de *Estudos Contemporâneos em Dança I e II* foram espaços em que os alunos experimentaram processos criativos e produções que foram profundas e significativas. Em 2015, os alunos se engajaram no movimento de proteção à *Fundação Zoobotânica*, no início das lutas contra o risco de sua extinção. As atividades da disciplina foram feitas no Jardim Botânico, ao lado da ESEFID\*. O processo teve a participação dos artistas convidados Carina Sehn, Haroldo Paraguassú de Souza e Hugo Varela e dos alunos do curso de dança Ana Paula Domeneghini, Andréa Portela de Azambuja, Cris Eifler, Dani Cezar, Wagner Ferraz, Priscila Arieli, Thiago Rieth. O resultado foi uma performance em que o público fez uma caminhada pelo Jardim Botânico, parando em determinados lugares onde os alunos apresentavam seus trabalhos, construídos ao longo do semestre. A performance trazia uma proposta de caminhada contemplativa, de um estado de escuta dos sons no ambiente e de observação das nuances das pausas onde os trabalhos dos alunos eram vistos. Por conta da iniciativa dos próprios alunos, alguns deles se envolveram também fora do horário da disciplina com o movimento de proteção à *Fundação Zoobotânica* em uma performance que foi realizada na rua, com ações que estavam sendo feitas na Assembléia Legislativa e nas mídias sociais.

\*Imagens disponíveis em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=OomTs5Pj7dY&feature=youtu.be&fbclid=IwAR11TKXypAemnxG4yonV7j0EsawwGDQRpPYxu\\_SKVlcPzUWlvRNWp3aCnc](https://www.youtube.com/watch?v=OomTs5Pj7dY&feature=youtu.be&fbclid=IwAR11TKXypAemnxG4yonV7j0EsawwGDQRpPYxu_SKVlcPzUWlvRNWp3aCnc)> e  
<[https://www.facebook.com/pg/Eu-apoio-a-Funda%C3%A7%C3%A3o-Zoobot%C3%A2nica-171179729896784/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/Eu-apoio-a-Funda%C3%A7%C3%A3o-Zoobot%C3%A2nica-171179729896784/photos/?ref=page_internal)>. Acesso em: 30 jul. 2019.

Em *Estudos Contemporâneos em Dança I*, em 2016, as performances feitas pelos alunos foram geradas por motivações individuais. As discussões sobre a dança na contemporaneidade envolveram temas como identidade, gênero, raça, sexualidade, e a construção performática se deu a partir de propostas trazidas pelos alunos dentro dos gêneros de dança praticados por eles. Destaca-se a performance *EXÚ*, de Perla Santos, que fez um trabalho através da dança afro-brasileira, usando texto, vídeo, velas, comida e bebida em um processo ritualístico de envolvimento do público, apresentado na sala Rítmica 1. A performance gerou discussões sobre a visibilidade e a representatividade da cultura afro-brasileira na universidade e dentro da ESEFID, sobre a necessidade de uma participação maior dos alunos negros e sobre a valorização de referências negras. Essa foi uma demanda crescente nas manifestações dos alunos. Em 2017, foi realizada a *I Semana Negra ESEFID*, coordenada pela professora Cibele Sastre, que se repetiu em 2018 com a comemoração da *Semana da Consciência Negra* na UFRGS. Em 2018, também houve a criação do *Coletivo Corpo Negra\**, idealizado por alunas do curso de dança a partir de uma ideia que surgiu em 2016. O grupo foi criado e é gerenciado por alunas negras do curso de dança e conta com a coordenação da professora Lisete Vargas como projeto de extensão.

No segundo semestre de 2016, a disciplina de *Estudos Contemporâneos em Dança II* propôs um trabalho coletivo e colaborativo que foi realizado no canteiro em frente ao Restaurante Universitário da ESEFID e que chamamos de *Paisagem Vibracional*. A turma passou por conteúdos como paisagismo, permacultura, ecofeminismo, ecologia profunda, assim como pela sintonia somática e pela *Abordagem Somático-Performativa*, de Ciane Fernandes (2014b). O processo envolvia a criação de uma performance colaborativa que iniciaria no canteiro e incluiria os funcionários e as nutricionistas do RU, fazendo, assim, um trânsito entre a ação de envolvimento com a terra e o plantio no canteiro, que seria levado para uma ação performativa dentro do RU. O semestre 2016/02 foi atípico devido ao movimento nacional de ocupação das universidades pelos alunos, em protesto à Proposta de Emenda à Constituição nº 241/2016 (PEC 241), que definia o congelamento de recursos para a educação e para a saúde pelos próximos 20 anos. Com isso, a performance não foi finalizada, mas o canteiro foi cuidado pelos alunos que ali estiveram durante o período de ocupação.

\*Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wZ0Buqa7bdE>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

A turma da disciplina de *Estudos Contemporâneos em Dança I* 2018 desenvolveu processos de performance com estruturas de improvisação em grupo e investigações individuais, que foram feitas dentro da sala, na rua e em um bar perto da ESEFID, através de captura e edição de vídeo com a colaboração pedagógica do artista visual Marcelo Monteiro (Estúdio Híbrido)\*. A relação com profissionais atuantes no meio artístico tem sido de fundamental importância para a ampliação do conhecimento para fora dos muros da universidade e para a inter-relação entre universidade, comunidade e meio de atuação profissional. No semestre 2018/02, a disciplina eletiva *Estudos Somáticos do Movimento* trouxe a participação de Tatiana da Rosa, Marcela Coelho e Margaret Leyser. A experimentação do processo aproximou relações com a permacultura, fazendo intercâmbios interdisciplinares com o projeto UVAIA (Uma Visão Agronômica com Ideal Agroecológico), da Faculdade de Agronomia da UFRGS, e com um processo de imersão na Estação Experimental da Agronomia.

\*Vídeos disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fUHR1gZDd4&t=63s>> (Fernanda Majorczy) e <<https://www.youtube.com/watch?v=uq5DwhB6qL0&feature=youtu.be>> (Gabi Maia). Acesso em: 30 jul. 2019.

# Mercado

Parte do trabalho do artista da dança é a construção do ambiente e dos meios para a valorização e o desenvolvimento da área e, assim, também do seu mercado de trabalho. A economia da dança é um assunto que vem sendo pesquisado e discutido em publicações como Vellozo e Guarato (2015) e Noronha (2016a e 2016b). Não pretendo aqui fazer uma análise sobre a economia da dança, e sim trazer, neste tópico, um registro que se relaciona com ela. Sendo que estamos apenas a uma década do início e da disseminação dos cursos de graduação em dança nas universidades federais do RS, é necessário ampliarmos o entendimento social sobre a área de conhecimento da dança e sobre o seu espectro de atuação. Além disso, os próprios profissionais da dança estão em constantes processos de definições e lutas em prol de reconhecimento e de organizações da classe. Desde 2009, as universidades do RS vem realizando os *Encontros de Graduação em Dança do RS\**, que tem sido um importante evento para compartilhar conhecimento e para visualizar e fortalecer as lutas pela dança. A iniciativa desse evento foi feita por professores do Curso de Graduação em Dança da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em 2009 e 2011. Desde então, é feito um sistema de rotatividade das universidades para promover esses encontros: em 2013, realizado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); e, em 2014, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Nos dias 12, 13 e 14 de maio de 2016, o encontro foi realizado pelo Curso de Licenciatura em Dança ESEFID/UFRGS, coordenado por mim e pelas professoras Cibele Sastre, Flávia Pilla do Valle e Luciana Paludo. A temática do encontro discutiu o mercado de trabalho em dança e o que, na época, nomeamos como “cultura da gratuidade”.

\*Disponível em: <<http://encontrograduacoes.blogspot.com/>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

A “cultura da gratuidade” envolveu reflexões sobre a valorização dos artistas da dança frente à sociedade e sobre o trabalho remunerado, não remunerado e mal remunerado. As perguntas que acionaram a discussão foram: Como a gratuidade de cursos, oficinas e espetáculos reverbera nos beneficiários? Como a educação em dança tem abordado a ética e o respeito no campo de trabalho da dança? Como a aula pode ser um possível ponto de partida para a construção de uma ética em dança? Como a contrapartida dos projetos culturais financiados tem sido exigida e efetivada? Com a criação de cursos universitários em dança financiados pelo sistema público, qual é a responsabilidade dos indivíduos em ocupar essas vagas? Como a dança é percebida e validada pela comunidade e pelo público em geral? Qual a responsabilidade do artista na mediação da obra com público? Como potencializar o fator socialmente transformador da dança e validá-lo como agente de mudança?

A metodologia de discussão da temática foi de fazer uma divisão em três grupos de trabalho, onde convidamos artistas e agentes culturais para a mesa de discussão dos assuntos. GT1: A cultura da gratuidade e a gestão pública, com os convidados Airton Tomazzoni (Centro Municipal de Dança de Porto Alegre-RS), Cristina Nora Calcagnotto (Gestora Cultural em Caxias do Sul-RS), Joana Willadino (Coordenadora Dança da Secretaria de Cultura de Canoas-RS) e Marco Fillipin (Secretaria Municipal de Cultura de São Leopoldo-RS). GT2: A cultura da gratuidade e a educação e formação em dança, com os convidados Clóvis Rocha (Diretor do Instituto de Artes Cênicas do RS - IACen), Lucia Brunelli (Curso de Licenciatura em Dança - ULBRA) e Susana França (Professora na Secretaria Municipal de Educação - SMED/POA). GT3: A cultura da gratuidade e a produção artística, com os convidados Eduardo Severino (Usina das Artes - Sala 209 em Porto Alegre), Diego Esteves (Diretor de Dança em Porto Alegre), Luka Ibarra (Produtora Cultural em Porto Alegre) e Diego Mac (Macarenando Dance Concept, de Porto Alegre). Além das apresentações de trabalhos científicos, apresentações artísticas, palestras e oficinas, também se discutiu a respeito da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da dança, discussão conduzida pelas professoras Eleonora Campos da Motta Santos (UFPEL) e Rubiane Zancan (UFRGS), com mediação de Flávia Pilla do Valle (UFRGS).

A respeito da temática do encontro, Paludo (2016) trouxe o viés da economia das trocas simbólicas através do estudo de Pierre Bourdieu, mostrando, com isso, que os bens gerados, além de materiais e econômicos, são de um capital cultural simbólico constituído por várias instâncias de legitimação. Vendramin (2016) discorreu sobre a fala de artistas, gestores profissionais, professores e alunos envolvidos no encontro de discussão sobre a valorização do campo da dança.

O último dia do *V Encontro de Graduações*, terminou com a inconformidade de todos os presentes devido à notícia da extinção do Ministério da Cultura (MINC), cujas atribuições foram transferidas para o Ministério da Educação (MEC). Houve grande mobilização em todo o país por parte de artistas e produtores culturais contra essa deliberação. Foram ocupados 19 prédios públicos ligados a essa pasta, entre sedes da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) e do Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (IPHAN) em 18 capitais brasileiras (SOARES; LAPPICY, 2016). Naquele momento, o MINC resistiu, mas foi extinto em 2019 pelo governo atual, que o incorporou ao recém-criado Ministério da Cidadania, o qual inclui também os Ministérios do Esporte e do Desenvolvimento Social (medida provisória nº 870). Os editais de apoio às artes (municipais, estaduais e federais) se mantêm escassos ou extintos nesse momento.

## Conclusão (Para ser lida em Proêmio)

No primeiro semestre de 2019, revivi minha trajetória em dança, através da disciplina de *Desmontagem Cênica como Estratégia de Reflexão e Criação Artística de Artistas da Cena*, orientada pelas professoras Ana Cristina Colla e Raquel Scotti Hirson no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Nesse processo, lembrei-me de um tema que surgiu em 2003, enquanto eu realizava os *Experimentos Um Sobre Infinito (1/∞)*, com apoio da Fundação Vitae. Percebi que o tema *Resiliência e Suscetibilidade* perpassou meu encontro em como me manter e persistir sendo uma artista da dança diversas vezes, e não apenas naquele momento. Ser um(a) artista da dança não é unicamente sobre o que fazemos ou no que trabalhamos; interligado a isso, é também sobre um modo de estar, se relacionar e se projetar no mundo, de senti-lo e vivê-lo. A dança como arte vivencial de corporeidade pode trazer ferramentas e possibilidades de gerar caminhos criativamente, e, por vezes, pode significar seguir mantendo-se em resiliência.

Ponderar e trazer à tona debates sobre qual presença política assumimos no mundo é uma prática salutar, assim como discutir qualquer assunto que emerja no ambiente educacional. Observar, refletir e discutir sobre mecanismos de censura que podem estar atrelados, hoje, historicamente a assuntos polêmicos é de responsabilidade social e é, ainda, uma prática a qual a universidade não pode se omitir, em seu papel de gerar conhecimento. Subordinado a esse fator, é preciso analisar os motivos econômicos e os motivos obscuros que podem estar encobertos nas mudanças propostas atualmente à universidade federal, pública e gratuita\*. Os tópicos aqui apresentados testemunham registros vivenciados no curso de dança e reflexões sobre políticas presente no corpo, na dança e na performance, assim como na construção da economia da dança. Considero resiliência e suscetibilidade como uma *Prática como Pesquisa*, presente no corpo, na dança e na vida.

\*Projeto do programa Future-se e debates realizados nas universidades federais com a sociedade civil. Programa disponível em: <<https://survey.cgee.org.br/future-se/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

# REFERÊNCIAS

- FERNANDES, C. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas da pesquisa com prática artística. **Dança**, Salvador: v2, n 2, p 18-36, jul/dez. 2013.
- \_\_\_\_\_. A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático-Performativa. **VIII CONGRESSO ABRACE** Salvador: Universidade Federal da Bahia. Professor Associado IV; CNPq; Bolsista Produtividade em Pesquisa 1C. 2014a.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, integração. **Revista de Pesquisa em Arte**. ABRACE, ANPAP, ANPPOM, em parceria com a UFRN, Nata, v 1, p76-95, 2014b.
- \_\_\_\_\_. **Dança Cristal: da Arte do Movimento à abordagem Somático-Performativa**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- FERREIRA, A. D.; FIGUEIREDO, V. M. C. Universidade e experiências sobre a produção em dança na atualidade: o paradoxo artista-docente. **Ouvirouer**, Uberlândia, v. 10 n. 2 p. 256-267, jul.dez. 2014.
- GERALDI, S. M. Diálogos performativos em dança ou o perigo de se contar uma única história. **IX CONGRESSO DA ABRACE**. Uberlândia, de 11 a 15 de novembro de 2016.
- GIL, J. **Movimento total: o corpo e a dança**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001.
- GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectivas, 2013.
- GREEN, J. Somatic Knowledge: the body as content and methodology in dance. **Journal of Dance Education**, New Jersey, National Dance Education Organization, v. 2, n. 4, p. 114-118, 2002.
- HASEMAN, B. C. Manifesto for Performative Research. **Media International Australia incorporating Culture and Policy**, n.118, p. 98-106. 2006.
- HAZEL, S.; ROGER, T. D. (orgs). **Practice - led Research, Research - led Practice in the Creative Arts**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.
- MIDGELOW, V. L. **Practice-as-research**. The Bloomsbury Companion to Dance Studies. Bloomsbury: ed. Bloomsbury Companions, 2019.
- MUNDIM, A.C. O artista docente na dança: desafios. **XXIII Congresso Nacional da Federação dos Arte** - Educadores do Brasil (Confaeb). 2013. p. 664-672.

NELSON, R. **Practice as Research**: principles, protocols, pedagogies, resistances. London: Palgrave Macmillan Publishers Limited, 2013.

NORONHA, M. Gestão em Arte e Cultura: apresentação de um projeto, ferramentas e metodologias, desdobramentos. **Arte da Cena (Art on Stage)**, 2(2), p. 8-22. 2016a. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ac.v2i2.43675>> Acesso em: 30 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. (org). **Gestão em Arte e Cultura**: residências, experimentos e clínicas sobre gestão e economias da arte e da cultura. Porto Alegre: Editora Animal, 2016b.

PALUDO, L. Considerações a respeito da gratuidade em dança. Encontro Estadual das Graduações em Dança (5.: 2016: Porto Alegre, RS). **V Encontro Estadual de Graduações em Dança: cultura da gratuidade** [recurso eletrônico]. Porto Alegre : ESEFID/UFRGS, 2016. p. 60-63. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/149465>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

PRESTON-DUNLOP, V.; SANCHEZ-COLBERG, A. **Dance and the Performative**: a choreological perspective – Laban and beyond. London: Verve Publishing, 2002.

QUEIROZ, L. **Corpo, mente, percepção**: Movimento em BMC e dança. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

SOARES, M.; LAPPICY, P. Ocupação Funarte. **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP - Ponto Urbe [Online]**, 18 | 2016. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/3147>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

VELLOZO, M.; GUARATO, R. (orgs). **Dança e Política**: estudos e práticas. Curitiba: Kairós Edições Ltda, 2015.

VENDRAMIN, C. Cultura da gratuidade: reflexões e apontamentos. Encontro Estadual das Graduações em Dança (5. : 2016 : Porto Alegre, RS). **V Encontro Estadual de Graduações em Dança: cultura da gratuidade** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, 2016. p. 47-59. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/149478>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Dança e deficiência no Rio Grande do Sul: processos e registros sobre um campo de conhecimento em expansão. In: BLADES, H.; MARSH, K.; VENDRAMIN, C.; WHATLEY, S. (orgs.). **Trocando, movendo, traduzindo**: pensamentos sobre dança e deficiência / Exchanging, moving, translating: thoughts on dance and disability. Porto Alegre: UFRGS/ESEFID, 2019. p. 28-59.

## SOBRE A AUTORA

CARLA VENDRAMIN

Graduada em fisioterapia pela Universidade FEEVALE, em Novo Hamburgo/RS, mestre em coreografia pela Middlesex University, em Londres, e, atualmente, pesquisa a interseção entre vida/sustentabilidade - dança/permacultura no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena na Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP (doutoramento). Participa do grupo de pesquisa *Prática como pesquisa: processos de produção da cena contemporânea*, sob orientação da Dra. Sílvia Geraldi. É palhaça integrante do NIC - Núcleo de Investigação Clownesca em Porto Alegre e na pesquisa de mestrado de Giovanna Zortti na UNICAMP. Atua nas áreas de educação somática, eco-somática, dança e deficiência / poéticas da diferença, improvisação em dança, performance.